

UMA ABORDAGEM SOBRE A ESCOLA E A CRIANÇA HIPERATIVA

Brenda Oliveira Ferreira da Silva¹; Adriana Silvino de Araújo²; Estoécio do Carmo Júnior³;
Rosélia Maria de Sousa Santos⁴; José Ozildo dos Santos⁵

¹Faculdade Rebouças de Campina Grande. E-mail: b.oliver.nas18@gmail.com

²Faculdade Rebouças de Campina Grande. E-mail: a_silvino@ymail.com

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. E-mail: estoacao@hotmail.com

⁴Faculdade Rebouças de Campina Grande. E-mail: roseliasousasantos@hotmail.com

⁵Faculdade Rebouças de Campina Grande. E-mail: joseozildo2014@outlook.com

Resumo: Trata-se de um trabalho, fruto de uma pesquisa bibliográfica, que teve por objetivo discutir como devem ser as intervenções escolares para o pleno aprendizado da criança com o transtorno de déficit de atenção e aprendizagem – TDAH. Esse transtorno leva o aluno a agressividade nas escolas gerando indisciplina e violência. Logo, o ensino e a aprendizagem são prejudicados, pois os professores têm dificuldades em colocar limites no espaço escolar, pois na grande maioria os alunos não obedecem aos pais, sendo assim não conseguem intervir nas situações de problemas mais complexos dentro da sala de aula, devido os mesmos não saberem lidar com situações violentas, precisando do apoio da direção da escola. A hiperatividade é um dos distúrbios mais frequentes na idade pré-escolar e escolar. A hiperatividade é caracterizada por excesso de atividade motora, déficit de atenção e falta de alto controle, que inicialmente foi definida como um distúrbio neurológico, relacionada com lesão cerebral mínima. Pode-se concluir que diante da presença de um discente com TDAH em sala, o professor precisa ser preparado para vivenciar e enfrentar diferentes situações. Somente com essa capacidade, ele terá condições de intervir junto à criança com TDAH, que se encontram matriculada nos primeiros anos do ensino fundamental.

Palavras-chave: Criança Hiperativa. Contexto Escolar. Implicações.

1 INTRODUÇÃO

No contexto atual, o transtorno de déficit de atenção e aprendizagem - TDAH ainda é um assunto pouco conhecido pela maioria dos educadores, realidade que demonstra a necessidade de uma maior capacitação por parte do professor para enfrentar o referido problema, os professores não estão preparados. E, sofrem muito com esses alunos em sala de aula, por eles não conseguirem cumprir tarefas, ficarem o tempo todo tirando a atenção dos demais, causando uma verdadeira desordem no ambiente escolar, a escola precisa prepara se mais para receber este tipo de aluno, uma vez que os mesmos não podem ser transferidos.

O TDAH leva o aluno a agressividade nas escolas gerando indisciplina e violência. Logo, o ensino e a aprendizagem são prejudicados, pois os professores têm dificuldades em colocar limites no espaço escolar, pois na grande maioria os alunos não obedecem aos pais,

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

sendo assim não conseguem intervir nas situações de problemas mais complexos dentro da sala de aula, devido os mesmos não saberem lidar com situações violentas, precisando do apoio da direção da escola (BROMBERG, 2006).

A maneira correta seria encaminhar o aluno imperativo para o CAPS, para que fosse dado o diagnóstico correto, podendo assim, tomar medicação adequada acompanhado por um psiquiatra, com terapias ocupacionais, e escuta com psicólogo, e psicanalista possibilitando assim, que haja um manejo adequado desses alunos, produzindo-se aprendizagem e que estes, apesar dos problemas apresentados, possam se sentir incluído na sala de aula regular.

A criança com TDAH, que recebe tratamento adequado, vai ser um adolescente, inserido na sociedade, diferente dos não receberem, com uma probabilidade maior de terem o transtorno de conduta, envolvendo-se com drogas, gravidez na adolescência, causando problemas a sociedade, evasão escolar, desestruturando a família, com agressividade, em casa, não conseguindo concluir seus estudos, causando vários prejuízos, na sua vida como um todo (CORREIA FILHO; PASTURA, 2003).

O presente trabalho tem por objetivo discutir como devem ser as intervenções escolares para o pleno aprendizado da criança com TDAH.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A ESCOLA NA ATUALIDADE

A escola contemporânea vem enfrentando diversos desafios característicos do modelo de sociedade que vivenciamos. No centro dessas dificuldades, professores e alunos vivem cotidianamente um sentimento de profunda ambiguidade, desde o qual todas as relações se fragilizam caracterizadas ora pela sensação de imponência, perda, fracassos.

A ambiguidade geradora dos conflitos vividos no ambiente escolar dificilmente se supera através de expedientes pontuais. Ao contrário, tende a persistir e, conseqüentemente, contribuir ainda mais para o agravamento das tensões que vivemos no cotidiano escolar e os baixos rendimentos são uma das principais causas desses conflitos.

No atual contexto educacional brasileiro encontra-se uma série de fatores que contribuem para um baixo rendimento escolar, como superlotação das salas de aula e o despreparo dos docentes. Outro fator contribuinte é o modelo tradicionalmente adotado de ensino aprendizagem, onde as diferenças individuais e as diversidades são relegadas a segundo plano e prioriza-se a padronização do método de ensino (COLL; PALÁCIOS; MARCHESI, 2005).

São frequentes nas escolas os pais se questionarem se o filho indomável não seria um hiperativo. Até porque boa parte dos hiperativos também desenvolve outro problema, o déficit de atenção que em geral, vem à tona no período escolar. Cabe à escola o papel de identificar se as crianças são portadoras do distúrbio ou se não tem limites. Na maioria dos casos parece que o problema está na educação delas.

Topczewski (2009) ressalta que a escola, desde o século XIX, tornou-se uma atividade obrigatória, e, desde então, a escolaridade passou a ter um papel fundamental para a ascensão social.

A partir deste período, as dificuldades escolares e os seus fracassos passaram a ser considerados como um problema importante ou até mesmo uma doença. Várias são as causas determinantes do fracasso escolar, e a hiperatividade é uma delas. Sabemos que a população de hiperativos é grande e parte dela apresenta dificuldades para a adaptação escolar, social e familiar.

As primeiras observações, na maior parte das vezes, são feitas pelos professores, que notam ser o comportamento da criança muito agitado. Isto é percebido quando comparado ao comportamento das outras crianças durante as aulas. Além disso, notam que o desempenho da criança em relação à média do grupo está, também, defasado (TOPCZEWSKI, 2009).

De acordo com Coll; Palácios e Marchesi (2005), a hiperatividade é um dos distúrbios mais frequentes na idade pré-escolar e escolar. A hiperatividade é caracterizada por excesso de atividade motora, déficit de atenção e falta de alto controle, que inicialmente foi definida como um distúrbio neurológico, relacionada com lesão cerebral mínima.

No entanto, desde os anos 1960 surgiu uma nova perspectiva funcional caracterizando-a como síndrome condutual e identificando como principal causa a atividade motora excessiva. Diversos estudos na década de 1980 definiram os aspectos cognitivos e principalmente o déficit de atenção ou a falta de autocontrole ou impulsividade uma das características mais relacionadas à hiperatividade (STUBBE, 2008).

2.2 A CRIANÇA HIPERATIVA NO CONTEXTO ESCOLAR

Algumas vezes, os problemas das crianças com TDAH só ficam verdadeiramente visíveis quando elas vão para a escola. Isso acontece porque as dificuldades podem vir à tona em um ambiente social e quando se espera delas um trabalho mais organizado e concentrado.

Jones (2004) relata que, com frequência, as crianças com TDAH acham difícil ficar tranquilas no novo ambiente da escola. Os problemas podem surgir em determinadas

momentos, por exemplo, quando elas recebem instruções sobre o que fazer ou quando ouvem uma história no final da tarde e espera-se que fiquem tranquilamente sentadas.

Muitas crianças com TDAH fracassam na escola. Isso pode ter começado durante o ensino fundamental e, quando elas estão se preparando para exames importantes, podem estar muito atrasadas com relação aos colegas e sabem que não vão conseguir (Jones, 2000).

Embora os professores e orientadores pedagógicos estejam preparados, quando surgem um ou dois hiperativos em uma classe, em geral, cria-se uma situação problemática.

Cypel (2003) explica que essas crianças agitadas rompem com a harmonia na sala de aula, interferem no trabalho didático e atrapalham a atividade dos outros alunos.

Acrescenta ainda Cypel (2003) que essas crianças, às vezes, têm dificuldade de frequentar escolas tradicionais e salas de aula com número grande de alunos. Esse tipo de ambiente não beneficia sua dificuldade de concentração, ficando mais dispersiva e alheia. Melhor seria encontrar uma escola com classes pequenas de até 15 alunos, na qual poderia receber uma atenção mais individualizada.

A falta de atenção assim como a inquietação, são uns dos problemas que estão relacionados às crianças com TDAH. Fonseca (2005, p. 137) explica que:

A criança com Dificuldades de Aprendizagem (DA) caracteriza-se por uma inteligência normal ($QI > 80$), uma adequada intensidade sensorial, quer auditiva, quer visual, por um ajustamento emocional e por um perfil motor adequado. (...) As suas principais características compreendem uma dificuldade de aprendizagem nos processos simbólicos: fala, leitura, escrita, aritmética etc.

Sabe-se que os problemas de aprendizagem podem ocorrer tanto no início como durante o período escolar surgem em situações diferentes para cada aluno, o que requer uma investigação no campo em que eles se manifestam. Qualquer problema de aprendizagem implica amplo trabalho do professor junto à família da criança, para analisar situações e levantar características, visando descobrir o que está representando dificuldade ou empecilho para que o aluno aprenda.

Em relação aos problemas de aprendizagem, José e Coelho (2009) falam que o professor e a escola devem saber o que é normal, problemático e patológico no comportamento de uma criança. Para que o professor avalie um problema de aprendizagem corretamente, ele precisa conhecer o comportamento infantil em cada faixa etária.

Para conceituar o normal, deve-se basear no progresso da criança comparando-a com suas próprias habilidades e capacidades e que a situação problemática abrange um relacionamento difícil com as pessoas. A criança tem dificuldades emocionais, fica muito

sensível, se sente rejeitada e ansiosa, com sensação de pânico às vezes.

Landskron e Sperb (2008) dizem que o comportamento normal ou patológico pode ter origem na própria criança (fator genético) ou no ambiente (fator social). E, que para caracterizá-lo, afirmam que devem ser considerados os seguintes fatores:

- a) ambiente cultural;
- b) conduta e personalidade dos pais e irmãos;
- c) constituição física;
- d) desenvolvimento (período em que a criança se encontra);
- e) idade;
- f) influência de pressões externas e internas;
- g) meios de adaptação a essas pressões;
- h) processos envolvidos na maturação da personalidade infantil.
- i) tendências internas e defesas psíquicas do ego infantil;
- j) tensões e traumas da vida cotidiana aos quais, a criança fica exposta.

Após a verificação pelo professor de todos estes fatores, ele ainda precisa ter certeza que a criança não esteja passando apenas por uma fase difícil que pode ser provisória com condições de superá-la. É preciso que o professor saiba diferenciar quando uma criança está com problemas de aprendizagem porque não consegue prestar atenção devido à sua deficiência, ou se está apenas brincando com o problema e causando indisciplina.

Neste caso é muito importante a colaboração da família que deve estar ciente do que está acontecendo com a criança. O papel da escola e dos educadores é neste caso trabalhar em parceria para ajudar na aprendizagem da criança.

José e Coelho (2009, p. 134) falam da importância da conscientização da família pela escola e menciona:

À escola cabe alertar a família quanto à necessidade de um tratamento para essas crianças, que em geral é psicoterápico, havendo às vezes indicação de tratamento medicamentoso. (...) A agitação, inquietude ou instabilidade, quando presentes na sala de aula, podem ocupar grande parte do valioso tempo da classe. É essencial que o professor tente desenvolver um clima de harmonia para que possa trabalhar com essas crianças de uma forma que evite o desperdício de tempo, mantendo-as interessadas e realmente envolvidas no trabalho que todos estão realizando.

Por isso, é sempre importante tanto o professor quanto a escola ficarem atentos a qualquer sinal de suspeita procurar ajuda, pois para melhorar a aprendizagem do aluno e a convivência com seus colegas e professores, essa criança precisa que se estabeleçam formas de se concentrar e mostrar sua capacidade de aprender e respeitar as regras. Esta atitude do

professor deve ser de maneira natural nunca tratando a criança como diferente.

Antunes (2003, p. 47) ressalta que:

Nunca demonstrar pena ou compaixão e em seu nome fazer apelos para que outros o aceitem, ou fazer “vistas grossas” para suas ações agressivas, mas intervir sempre de maneira positiva de forma a ajudar seus eventuais amigos a observar suas qualidades, perceber suas intenções.

Acredita-se que com o auxílio de professores e familiares esta criança terá altas chances de melhorar seu desempenho escolar e alcançar êxito nos seus relacionamentos.

2.2 PROFESSOR X ALUNO HIPERATIVO

O professor tem papel fundamental no processo de aprendizagem e na saúde mental dos seus alunos. Ao tomar conhecimento das dificuldades que ocorrem numa família com membros portadores de TDAH, é provável que os professores comecem a entender a atitude dos pais, da mesma forma que os pais podem sensibilizar-se com a situação dos professores se souberem das reais dificuldades que seus filhos encontram na escola.

O objetivo desse saber da situação do outro e fazer com que ambos – pais e professores - compreendam que devem ser parceiros de uma mesma empreitada, e não rivais de uma disputa (BROMBERG, 2006).

É necessário que exista estreita colaboração entre pais e professores. A comunicação frequente entre a escola e a família é fator importante a garantir, para que professores e pais possam trocar experiências relevantes. Saber o que está acontecendo com a criança ou adolescente durante o tempo em que ele está no outro ambiente ajuda, a compor o quadro real da situação, e esse confiar no outro é o que realmente estabelece a parceria. Nesse sentido, é muito útil um instrumento de comunicação escrita que seja utilizado diariamente (RIEF, 2008).

No entanto, é um instrumento a ser usado com bom senso, no sentido da cooperação, não da cobrança e da rivalidade.

Os professores são, com frequência, aqueles que mais facilmente percebem quanto o aluno está tendo problemas de atenção, aprendizagem, comportamento ou emocionais/afetivos e sociais. O primeiro passo a ser dado na tentativa de solucionar os problemas é verificar o que realmente está acontecendo.

É razoavelmente comum professores de crianças com TDAH sentirem tanta

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

frustração quanto seus pais, pois também eles são seres humanos únicos, com características específicas e estilos de ensinos próprios, e nenhum conjunto isolado de sugestões e estratégias funciona na inter-relação de todos os professores com todos os alunos. Algumas vezes, é preciso tentar várias intervenções antes que algum resultado positivo apareça. Daí a necessidade de se escolher a escola e o método de ensino mais adequado para o aluno, especialmente aquele com TDAH (RIBEIRO, 2008)

Uma das grandes dificuldades enfrentadas pelo aluno com TDAH e sua família é a realização do dever de casa. Ao passar uma lição de casa, os professores devem lembrar que o tempo que um estudante com TDAH leva para fazer essa tarefa pode ser de três a quatro vezes maiores que seus colegas. É necessário fazer adequações para que a quantidade de trabalho não exerça o limite da possibilidade. Ter sempre presente que a lição de casa tem o objetivo de revisar e praticar o que foi aprendido em sala de aula. Pois não devem fazer o papel de professores.

Afirma RIEF (2008), que acima de tudo, o dever de casa não deve ser jamais um castigo ou sequencia de mau comportamento na escola.

Dessa forma, o professor juntamente com a escola deve intervir para um ambiente escolar atrativo e estimulante. Sendo assim, o aluno terá uma aprendizagem melhor e mais qualificada.

2.4 INTERVENÇÕES ESCOLARES PARA O PLENO APRENDIZADO DA CRIANÇA COM TDAH

Cerca de 20 a 30% das crianças com TDAH apresentam dificuldades específicas, que interferem na sua capacidade de aprender. Do total de crianças indicadas para os serviços de educação especial e de centros de saúde mental, 40% são portadores de TDAH (GOLDESTEIN; GOLDESTEIN, 2006).

Segundo Marcelli (2008) quando se aborda o capítulo das inadequações entre escola e a criança convém determinar de imediato dois procedimentos, senão contraditórios, pelo menos opostos. Por um lado, há aqueles para quem a criança com dificuldades na escola é uma criança desviante, portanto patológica ou doente, que deve então ser tratada, se possível, em uma estrutura adaptada. Na outra vertente, situam-se aqueles para quem a estrutura escolar é ela própria inadaptada à criança e a única responsável pelo fracasso escolar.

A criança com TDAH como visto anteriormente apresenta um transtorno no qual sua maior característica é impulsividade, desatenção e hiperatividade, o papel da escola é de

extrema importância. O comportamento do professor perante a criança com diagnóstico de TDAH influencia certamente o sucesso do tratamento. Sabe-se que o TDAH tem um grande impacto no desenvolvimento educacional da criança.

Segundo Rohde e Mattos (2003), estudos indicam que as crianças com TDAH em ensino regular correm risco de fracasso duas a três vezes maiores do que crianças sem dificuldades escolares e com inteligência equivalente. Em todos os casos, face à inadequação escolar, devem-se levar em conta os três parceiros - criança, sua família e a escola e tentar avaliar sua interação recíproca antes de considerar um auxílio terapêutico.

Segundo Marcelli (2008), deve-se distinguir entre as possibilidades de aprender e o desejo de aprender. A avaliação das possibilidades repousa sobre o exame cuidadoso e completo das capacidades físicas (busca de déficit sensorial parcial) e psíquica.

A família intervém simultaneamente na dinâmica das trocas intrafamiliares e por meio de seu grau de motivação em relação à escola. Quando a criança deixa sua família para ir à escola, isso significa que passará uma boa parte de seu tempo fora de casa: correlativamente, isso implica que os pais, sobretudo a mãe, aceitem esses novos investimentos e se alegrem com isso.

Ainda na concepção de Marcelli (2008), trata-se do terceiro vértice desse triângulo relacional criança-família-escola e é a escola que apresenta o conceito de integração, ou seja, a operação pela qual o indivíduo ou um grupo se incorpora a uma coletividade, a um meio.

Assim, o principal objetivo da escola é, portanto, oferecer respostas adaptadas não somente a cada tipo de deficiência, mas também à personalidade das crianças, às diferentes etapas de sua evolução, aos seus desejos e aos de suas famílias, respostas preparadas pelo meio da acolhida.

Segundo Fullan (2000) o trabalho em conjunto é a forma mais poderosa de cooperação (por exemplo, ensino por equipe, planejamento, observação, pesquisa-ação, acompanhamento permanente de colegas e tutoramento, etc.).

O trabalho conjunto implica e cria uma interdependência mais forte, uma responsabilidade compartilhada, um comprometimento e um aperfeiçoamento coletivo e uma maior disposição para participar da difícil tarefa de comentar e criticar. Portanto pode-se perceber que as escolas quando se deparam com situações com crianças com TDAH, exige-se um trabalho em conjunto, é necessário e a colaboração entre os integrantes desta instituição é algo importantíssimo para que haja mudanças nas estratégias de toda a equipe.

As manifestações do TDAH são diversas e exigem a participação simultânea de

especialistas em diversas áreas de atuação. Fundamental para o bom resultado do tratamento é a noção de que o tratamento sempre é um trabalho em equipe, e que dessa equipe deve invariavelmente fazer parte a própria pessoa portadora do TDAH e seus familiares. É com esse princípio em mente que devem atuar as pessoas envolvidas nessa empreitada, tarefa essa que pode ser para toda a vida (GOLDSTEIN; GOLDSTEIN, 2006).

Ensinar não é apenas uma coleção de habilidades técnicas, um pacote de procedimentos, uma porção de coisas que você pode aprender. Técnicas e habilidades são importantes, mas ensinar é muito mais que isso (FULLAN, 2000).

A natureza complexa do ato de ensinar costuma ser reduzida a questões de técnica e de habilidades, as quais cabem em um pacote – colocadas em cursos – e que são de fácil aprendizagem. Ensinar não é apenas uma questão de negociação técnica.

Segundo Barkley (2002), os professores geralmente respondem aos problemas desafiadores exibidos pelas crianças portadoras de TDAH, passando a ser mais controladores e autoritários com elas. Com o tempo suas frustrações com tais crianças podem torná-los ainda mais negativos em suas interações.

Enquanto não estiverem seguros sobre o quão negativamente as relações professor criança afetam a adaptação da criança portadora de TDAH em longo prazo, as experiências mostram que elas certamente podem piorar suas já tão pobres conquistas sociais e acadêmicas reduzindo sua motivação para aprender e praticar na escola e diminuindo sua autoestima. Isso tudo pode resultar em insucesso e abandono da escola. Pode se perceber o quanto é importante criar uma relação positiva entre professor-aluno, pois será essa interação que fará com que haja sucesso nas adaptações acadêmicas e sociais.

Fullan (2000) acredita que em primeiro lugar os professores situam-se entre as influências mais importantes na vida e no desenvolvimento de muitas crianças pequenas. Eles desempenham um papel essencial na criação das futuras gerações. No segundo sentido é que o ensinar é entendido com densa moral, impossível de ser reduzido a técnicas eficientes e a comportamentos aprendidos.

O comprometimento da visão do ensino e do trabalho do professor sugere métodos de liderança, de administração e de desenvolvimento pessoal que respeitem, apoiem e incrementam a capacidade que possuem os professores para formular juízos equilibrados e informados na sala de aula, em relação àqueles estudantes que eles conhecem melhor (BROMBERG, 2006).

Ainda segundo Furlan (2000), os propósitos dos professores motivam seu fazer, e frequentemente são eles que mais facilmente percebem quando um aluno está apresentando

problemas de atenção, aprendizagem, comportamento ou emocionais, afetivos e sociais.

Para o trabalho e rendimento em sala de aula não é fácil lidar com crianças sob o diagnóstico de TDAH, geralmente são crianças que se dispersam muito facilmente, não param sentadas e exigem uma atenção especial tanto do professor como dos colegas em sala de aula.

Portanto, exigem dos professores paciência e disponibilidade. É necessário desenvolver um repertório de intervenções para atuar eficientemente no ambiente da sala de aula com criança portadora de TDAH. Outro repertório de intervenções deve ser desenvolvido para educar e melhorar as habilidades deficientes da criança.

Conforme Barkley (2002), o mais importante para o sucesso da criança com TDAH na escola é o professor. Não é o nome do programa escolar na qual a criança se encontra, nem a localização da escola, nem mesmo se a escola é pública ou particular, nem mesmo o tamanho da classe.

Assim, antes de tudo, está o professor, particularmente a experiência do professor sobre o TDAH e a boa vontade para desempenhar esforços extras para entender a criança para que ela possa ter um ano escolar feliz e repleto de sucessos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terminologia TDAH é bastante utilizada na atualidade para referir-se aos comportamentos apresentados como diferenciados do padrão ideal normativo, que incomodam a escola e que são causadores do mal-estar docente.

Pode-se constatar que o TDAH é um fenômeno que se encontra associado aos conceitos de desconcentração/desatenção, bem como de inquietação e agitação. É que esses conceitos remetem, respectivamente, às dificuldades de aprendizagem e aos desvios de comportamentos, problemas que marcam o cenário escolar atual.

Pela complexidade que envolve tal fenômeno, muitos professores se sentem impotentes e incomodados com as crianças com TDAH. Pois, tais crianças permitem conseguem quebra a disciplina, gerando alguns tumultos em sala de aula, atrapalhando o trabalho docente e retirando a oportunidade de muitos aprenderem. Assim, quanto ao docente, quanto mais informações sobre o TDAH, mais ele poderá contribuir para a diminuição da dificuldade de aprendizagem.

O TDAH, geralmente é diagnosticado, quando a criança começa a frequentar a escola, a família precisa ser orientada, para alguns cuidados que podem ajudar a diminuir

nível de ansiedade, a educação com limites e a disciplina, sendo assim pais professores e profissionais de saúde mental devem trabalhar, em parceria, e os pais orientados no sentido de compreenderem que a compaixão e a permissividade, não são úteis para a criança, elas não se beneficiam por serem dispensadas das exigências, e responsabilidades.

E essa dificuldade se justifica porque o TDAH constitui um conjunto de problemas de ordem complexa. E muitas vezes, o comportamento alterado apresentado por uma criança, não se apresenta de forma única. A situação e o momento no qual se encontra a criança podem alterar de forma significativa o seu comportamento, transformando às vezes, uma criança tímida em uma agressiva.

Desta forma, o professor precisa ser preparado para vivenciar e enfrentar diferentes situações. Somente com essa capacidade, ele terá condições de intervir junto à criança com TDAH, que se encontram matriculada nos primeiros anos do ensino fundamental. Uma vez que esses alunos, mexem o tempo todo as mãos e pés, o tempo todo, levantando nas horas das atividades, que deveriam permanecer sentados, corre dentro da sala, mexendo nas carteiras dos outros colegas, não conseguindo brincar em silêncio, falam excessivamente, estando assim ligado o tempo todo, falam antes que sejam completadas as frases, não conseguem aguardar sua vez, se mete nas conversas dos outros sem que sejam chamados, sobe em carteiras, e querem sair da sala para tomar água, ficando conversando nas outras salas, atrapalhando, a disciplina da escola.

4 REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Miopia da atenção: Problemas de atenção e hiperatividade em sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Salesiana, 2003.

BARKLEY, R. A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: guia completo para pais, professores e profissionais da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BROMBERG, M. C. **TDAH e a escola**. São Paulo: Salesiana, 2006.

COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CORREIA FILHO, A. G.; PASTURA, G. As medicações estimulantes. In: ROHDE, L. A.; MATTOS, P. et al. **Princípios e práticas em TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CYPEL, S. **A criança com déficit de atenção e hiperatividade**. 2. ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2003.

FONSECA, V. da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

FULLAN, M. E. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GOLDSTEIN, S.; GOLDSTEIN, M. **Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança**. Tradução Maria Celeste Marcondes. 6. Ed. Campinas: Papyrus, 2006.

JONES, M. **Hiperatividade: Como ajudar seu filho**. São Paulo: Plexus, 2004.

JOSÉ, E. A.; COELHO, M. T. **Problemas de aprendizagem**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LANDSKRON, L. M. F.; SPERB, T. M. Narrativas de professoras sobre o TDAH: um estudo de caso coletivo. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 12, n. 1, p. 153-167, jan.-jun, 2008.

MARCELLI, D. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RIBEIRO, V. L. de M. **A família e a criança/adolescente com TDAH: relacionamento social e intrafamiliar**. Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. Belo Horizonte: 2008.

RIEF, S. **A educação especial e os recursos de aprendizagem**. São Paulo: Salesiana, 2008.

ROHDE, L. A.; MATTOS, P. **Princípios e práticas em transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

STUBBE, D. **Psiquiatria da infância e adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TOPCZEWSKI, A. **Hiperatividade: Como Lidar?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.